

**VII CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DO TRABALHO. O
TRABALHO NO SÉCULO XXI: MUDANÇAS, IMPACTOS E PERSPECTIVAS.**

GT 07 - Trabalhos e Trabalhadores não convencionais no capitalismo global

**Aspectos históricos do cooperativismo e sua influência sobre o
movimento da Economia Solidária no Brasil**

Ednalva Felix das Neves – Economista, Mestre em Política Científica e Tecnológica pelo Departamento de Política Científica e Tecnológica da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Doutoranda em Desenvolvimento Econômico no Instituto de Economia da UNICAMP. **Email:** ednalvafelix@gmail.com.

Campinas/SP, 12 de Novembro de 2012

Aspectos históricos do cooperativismo e sua influência sobre o movimento da Economia Solidária no Brasil

O principal objetivo deste trabalho é apresentar uma discussão sobre o movimento (atual) da Economia Solidária, buscando fazer um paralelo com a história do cooperativismo, a partir das duas visões apresentadas.

Este trabalho parte da idéia de que o atual movimento da Economia Solidária tem chamado a atenção de diversos estudiosos do mundo do trabalho. Porém, poucos trabalhos têm buscado respaldo na história – no caso, na história do cooperativismo – para entender o fenômeno. Sendo assim, o objetivo é exatamente buscar esta contribuição, a partir das idéias de Owen e de Marx e Engels, sobre o papel do cooperativismo para o movimento operário.

1. Introdução – apresentação do tema e justificativa

A crescente adesão de trabalhadores às alternativas de trabalho na linha da Economia Solidária (ES) no último quarto do século XX chamou a atenção de pensadores do mundo do trabalho para o fenômeno da ES. Estes pensadores têm feito um esforço para entender os fatores que têm levado estes trabalhadores a aderirem a um modelo de organização do processo de trabalho novo e que se difere, em muitos aspectos, do modelo formal de trabalho.

A ES surgiu como uma alternativa de sobrevivência para os trabalhadores e trabalhadoras que, acometidos pelo desemprego e pela falta de renda, buscavam gerar suas próprias condições de sobrevivência. Trata-se de iniciativas de cidadãos, produtores e consumidores que, na década de 1990, organizaram diversas atividades econômicas “segundo princípios de cooperação, autonomia e gestão democrática”, a fim de gerar sua sobrevivência (Laville e Gaiger, 2009). O que se convencionou denominar ES são:

Coletivos de geração de renda, cantinas populares, cooperativas de produção e comercialização, empresas de trabalhadores, redes e clubes de troca, sistemas de comércio justo e de finanças, grupos de produção ecológica, comunidades produtivas autóctones, associações de mulheres, serviços de proximidade, etc. (Laville e Gaiger, 2009: 162).

Desde que surgiu e se proliferou, o fenômeno da ES tem chamado a atenção dos estudiosos do mundo do trabalho, alguns se posicionando a favor, outros, contra a ES. Ou seja, não existe um consenso sobre o que é a ES, bem como sobre qual é o seu verdadeiro papel na sociedade atualmente.

Singer (2000: 25) também reconhece que a ES “começou a ressurgir de forma esparsa na década de 1980 e tomou impulso crescente a partir da segunda metade dos anos 1990”, como resultado da reação de trabalhadores “à crise de desemprego em massa”¹.

De acordo com alguns teóricos defensores da ES, ela se baseia em três princípios básicos: solidariedade, cooperação e autogestão. Além disso, precisa indicar a possibilidade de atividade econômica que gere trabalho e renda para os trabalhadores (SENAES, 2006).

Cruz (2006) destaca que as “iniciativas econômicas de caráter associativo” (“solidária, cristã, socialista, e outras denominações”) são comuns à sociedade humana, assim como o são ao sistema capitalista de produção. Elas surgem, de acordo com Lechat (2005) em

¹ Outros autores como Lechat (2005) e Rios (1987) também apontam os aspectos relacionados aos problemas econômicos do período e às mudanças do mercado de trabalho como motivadores da emergência da ES.

diversos momentos e com “personalidades” diferentes. Estas iniciativas fazem parte da realidade humana em diversos momentos da história. É possível encontrá-las, por exemplo nas:

Formulações utópicas de Claude Saint-Simon (1760-1825), de Charles Fourier (1772-1837) e de Robert Owen (1771-1858), bem como das primeiras experiências inspiradas em suas idéias, na Europa e na América do Norte [assim como as] experiências conhecidas como “cooperativas”, em Rochdale (no norte da Inglaterra, em 1844), em Delitzsch e Heddesdorf (na Prússia, em 1850) e em Milão (na Itália, em 1866), as quais se multiplicaram rapidamente em seus países (Cruz, 2006: 08; grifo nosso).

O fato destas iniciativas sempre terem existido tem chamado a atenção de pensadores do tema, ao longo da história. Duas importantes visões sobre o cooperativismo são as de Owen, de um lado, e de Marx e Engels, de outros. Para Owen, o cooperativismo tinha um papel de gerar melhores condições de vida para os trabalhadores, ainda que, dentro da sociedade capitalista. Já Marx e Engels viam no cooperativismo um importante papel de superar o sistema capitalista de produção.

A importância deste trabalho consiste em apresentar a discussão sobre a ES, a partir da contribuição histórica. Ou seja, a ES tem sido um tema que tem gerado grandes discussões e reflexões entre os pensadores do mundo do trabalho. No entanto, poucos têm sido os trabalhos que têm buscado elementos históricos, que possam contribuir para a compreensão de suas reais potencialidades e/ou fragilidades.

Neste trabalho, buscaremos esta contribuição. Em especial, buscaremos a contribuição de pensadores que se posicionaram em duas posições opostas, ainda que tendo como principal foco, a defesa do cooperativismo, conforme já destacamos.

2. Objetivo

Diante disso, o principal objetivo deste trabalho é apresentar uma discussão sobre o movimento (atual) da Economia Solidária, buscando fazer um paralelo com a história do cooperativismo, a partir das duas visões apresentadas.

Em suma, ao final, o que se pretende é entender: 1) as principais idéias presentes no ideal cooperativista de ambas as visões; 2) os principais posicionamentos dos autores, na atualidade, com relação a ES; 3) de que maneira o movimento da ES na atualidade

dialoga com o cooperativismo histórico.

3. Metodologia

Este trabalho será feito por meio de revisão bibliográfica, da seguinte maneira:

- 1) Revisão bibliográfica sobre o movimento da Economia Solidária no Brasil.
- 2) Revisão bibliográfica das bibliografias que abordam a história do cooperativismo, nas visões de Owen e Marx e Engels.
- 3) Revisão bibliográfica de autores que buscam analisar o atual movimento da ES, a partir da ótica do cooperativismo destes autores.

Por fim, vale ressaltar que as revisões bibliográficas serão importantes para a elaboração do trabalho, mas não serão o único instrumento para tal. A principal tarefa deste trabalho é construir um texto crítico sobre a ES na atualidade, mostrando se existem nela, potencialidades e fragilidades e, para tal, pretende visitar a história, buscando nela, elementos que contribuam para tal.

Referências bibliográficas – bibliografias a serem consultadas

CRUZ.A.C.M. *A diferença da igualdade: a dinâmica da economia solidária em quatro cidades do Mercosul*. Tese de doutorado. Instituto de Economia/UNICAMP/Campinas/SP, 2006.

GAIGER, L.I.. *A economia solidária diante do modo de produção capitalista*. Cadernos do CRH–UFBA. Salvador: v. 39, n. 39, p. 181-211, 2003.

LAVILLE, J. L.; Solidariedade. In: HESPANHA, P. et al. *Dicionário Internacional da Outra Economia*. SP: Ed. Almedina, 2009.

LECHAT. N. M. P. *As raízes históricas da economia solidária e seu aparecimento no Brasil*. (2005). Leituras cotidianas nº 152. Disponível em:

http://br.geocities.com/mcrost07/20050316a_as_raizes_historicas_da_economia_solidaria_e_seu_aparecimento_no_brasil.htm, acesso em 20/10/2008.

MARX, K. *A cooperação no capitalismo (trechos selecionados)*. Caderno das experiências históricas da cooperação (Nº. 02). CONCRAB, 2000.

MARX, K. *Instruções sobre diversos problemas a los delegados Del Consejo Central Provisional*. 1866.

MARX, K. *Mensagem Inaugural da Associação Internacional dos Trabalhadores*. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/marx/1864/10/27.htm#n7>, 1864; vários acessos.

MARX, K. *O capital: crítica da economia política*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.

MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã: teses sobre Feuerbach*. (tradução Silvio Donizete Chagas). São Paulo, SP: Centauro, 2005.

MARX, K.; ENGELS, F. *Manifesto do Partido Comunista*. Rio de Janeiro, RJ: Vitória, 1948.

MARX, K.; ENGELS, F.; *Crítica ao programa de Gotcha*. Disponível em: <http://www.culturabrasil.org/gotha.htm>, acesso em 24/09/2008.

MARX, K.; ENGELS, F.; *Obras escolhidas*. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/marx/escolhidas/index.htm>, acesso em 08/07/2009.

NASCIMENTO, C. *Do “beco dos sapos” aos canaviais de Catende*. 2005. Disponível em: www.mte.gov.br/ecosolidaria/prog_becosapos.pdf, acesso em 20/10/2008.

RIOS, G.S.L. *O que é cooperativismo*. São Paulo: Brasiliense (col. primeiros passos), 1987.

SECRETARIA NACIONAL DE ECONOMIA SOLIDÁRIA (SENAES). *Atlas da Economia Solidária no Brasil 2005*. MTE, SENAES, 2006.

SINGER, P. Economia Solidária: um modelo de produção e distribuição. In: SINGER, P.; SOUZA, A.R. (Org.). *A Economia Solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego*. São Paulo. Contexto, 2000 (p. 11-28).

SINGER, P. *Introdução a Economia Solidária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

SINGER, P. *A economia solidária como ato pedagógico*. Brasília: INEP, 2005. p. 13-20. BBE.